



**VARIAÇÃO LEXICAL EM PERNAMBUCO E ALAGOAS: O  
DIÁLOGO GEOLINGUÍSTICO E (META)LEXICOGRÁFICO NO  
ESTUDO DAS DENOMINAÇÕES PARA *AMARELINHA***

**LEXICAL VARIATION IN PERNAMBUCO AND ALAGOAS:  
GEOLINGUISTIC AND (META)LEXICOGRAPHIC DIALOGUE IN  
THE STUDY OF THE NAMES *FOR AMARELINHA***

*Edmilson José de Sá<sup>1</sup>*

**RESUMO:**

Este artigo se propõe a analisar as denominações para *amarelinha* registradas por falantes de Pernambuco e Alagoas a partir de dois parâmetros. Por um lado, pretende-se estabelecer os limites em que as variedades se sobressaem ou são inibidas, aspecto que compete à Dialectologia. Por outro lado, apoiando-se em dicionários do século XVIII ao século XXI, a exemplo de Bluteau (1728) e Ferreira (2010), aspira-se examinar de que maneira os regionalismos são tratados, diacrônica e diatopicamente e, desse modo, entender as diferenças e similitudes entre eles. Os *corpora* usados advieram do Atlas Linguístico de Pernambuco (ALiPE) (SÁ, 2013) e do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas (ALEAL) (DOIRON, 2017), a partir dos quais foi possível constatar a divergência semântica das denominações registradas nos dois atlas em relação ao que se verifica em obras lexicográficas. Logo, é conveniente ponderar as definições regionalistas quando da atualização das obras lexicográficas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Variação lexical; Amarelinha; Geolinguística; Metalexigrafia.

---

<sup>1</sup> Professor de Língua Portuguesa e Literatura no Curso de Letras do Centro de Ensino Superior de Arcoverde, em Pernambuco. E-mail: [edjm70@gmail.com](mailto:edjm70@gmail.com)



**ABSTRACT:**

This article aims to analyze the denominations for amarelinha registered by Pernambuco and Alagoas speakers based on two parameters. On the one hand, it is intended to establish the limits where the variants are most markedly present. On the other hand, based on dictionaries from the 18th to the 21st century, example of Bluteau's (1728) and Ferreira's (2010), it is aspired to verify how regionalisms are treated diachronically and diatopically, and, thus, perceive convergences and divergences between them. The corpora used were constructed from records documented in the Atlas Linguístico de Pernambuco (ALiPE) (SÁ, 2013) and in the Atlas Linguístico do Estado de Alagoas (ALEAL) (DOIRON, 2017), from which it was possible to verify the semantic divergence that some lexical items recorded in the atlases has in relation to what is observed in the lexicographic works. Therefore, it is appropriate to consider the regionalist meanings at the lexicographic plays' update.

**KEYWORDS:** Lexical variation; Amarelinha; Geolinguistics; Metalexigraphy

**Introdução**

Estudos relacionados à fala espontânea, consolidada em variedades fonéticas, léxicas e morfossintáticas têm sido constantemente consideradas em estudos descritivos do português brasileiro, que almejam atingir um perfil adequado e fiel de como ele se manifesta oralmente e por escrito.

Com esse intuito, vários pesquisadores têm orientado e construído trabalhos de natureza dialetal que refletem um panorama extenso do repertório linguístico muitas vezes não confirmado em dicionários. Porém, em caso afirmativo, são apontados sentidos dessemelhantes.

Assim, tanto Fajardo (1996; 1997) quanto Isquardo (2007) admitem a urgência de os dicionaristas usufruírem de *corpora* dialetais usados sobretudo para a construção de atlas linguísticos de modo a contribuir com a atualização das marcas regionais nos dicionários. É, pois, a concordância com essa necessidade que justifica a proposta das análises em tela.

Inspirado em tais mudanças, o escopo deste trabalho consiste em analisar o contexto em que as variantes lexicais dos falares nordestinos, com destaque para os Estados de Alagoas e de Pernambuco, são registradas nos dicionários de Bluteau (1728), Pinto (1832), Figueiredo (1913), Houaiss (2009), Ferreira (2010) e Michaelis (2015).

A escolha dos dicionários publicados a partir do século XVIII parte da intenção de verificar se as denominações registradas nos atlas linguísticos refletem regionalismos perceptíveis nos falares dos dois estados nordestinos ou, quando lexicografados, possuem conceitos distintos dos esperados, pois, considerando a visão de Carrasco (1993, p. 73), os estudos de lexicografia podem ser realmente rigorosos, quando se faz uso desses documentos de mapeamento dialetal.

Assim, será explorado o tratamento oferecido às variantes para *amarelinha*, pertencente ao campo semântico jogos e brincadeiras infantis e a partir do uso das notas enciclopédicas, serão apuradas as similitudes e distinções entre os conceitos encontrados nos dicionários, os limites geográficos dos regionalismos e o sentido aludido nos *corpora* dos atlas linguísticos de Alagoas e Pernambuco.

Para a organização do trabalho, foi proposta a seguinte estrutura: *in limine*, serão apresentadas as considerações sobre Dialetologia e Geolinguística no intuito de permitir a interface com as ciências do léxico tratadas neste artigo e, ao mesmo tempo apresentar os atlas nordestinos dos quais os dados foram retirados e como o campo semântico selecionado pode ser descrito. Na sequência, será exposta uma discussão que insere a lexicografia e a metalexigrafia nos estudos lexicais e como elas se inter-relacionam nos estudos dos falares regionais; logo em seguida, adentrar-se-á nos aspectos metodológicos usados para as análises dos nomes que designam a amarelinha nos dois atlas e como os dicionários supracitados as registram. Após a análise dos dados, serão tecidas as considerações finais.

### **Caminhos para o estudo da variação geográfica**

A variação linguística pode ser estudada a partir de diversos parâmetros, quer enfatizando a interferência de restrições sociais, de que trata a Sociolinguística, quer observando a língua numa perspectiva espacial, por meio da qual, usufrui-se da Geolinguística, que se ocupa das relações da língua com a geografia.

O estudo do arrolamento, sistematização e interpretação de traços linguísticos dos falares regionais cabe à Dialetologia e a técnica mais moderna de pesquisa e exposição de marcas dialetais se utiliza do método cartográfico, emprestado da Geografia, em que são construídos mapas nos quais as variedades mais acentuadas são inseridas em modelos distintos de análise e, assim, estabelecem-se os limites que permitem a análise diatópica da língua.

A partir da aplicação desse método, a Dialetologia deixou de ser tratada apenas como modelo para estudo descritivo e passou a ser tratada como ciência, já que ela estuda a fala tanto a partir da cartografia quanto pela simples organização do banco de dados com as variedades.

Esse método passou a se definir quando da pesquisa de Jules Guilliéron para a construção do Atlas Linguistique de la France (ALF) e a possibilidade de documentar fenômenos fonéticos, lexicais e morfossintáticos tornou o método bem-sucedido e passando por constantes atualizações.

O tratamento cartográfico dado aos estudos da Geolinguística Tradicional foi se

modernizando, quando dimensões sociais passaram a levadas em consideração e a distribuição de variantes inicialmente registradas por meio de arealização e, em seguida, de classificação diagenérica, deu lugar a uma perspectiva de pluridimensionalidade em que cada variante passou a ser agrupada a partir de restrições sociais de faixa etária a que o falante pertencia, como sugerido por Thun (2000) no Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay – Norte (ADDU-Norte) e usado, a partir de então, em atlas lingüísticos brasileiros.

Alvar (1982, p. 60) assume que o estudo de cartas de um atlas lingüístico permite que a investigação da linguagem real do falante, gerando múltiplas apreciações, especialmente à luz da dimensão lexicográfica. Diante disso, é possível concordar com Soriano (1932, p. 7), quando defende que “a lexicografia, a fonética, a etimologia e a gramática histórica têm, na dialetologia, uma veia inesgotável para explorar” (tradução nossa).<sup>2</sup>

De fato, ao surgirem variantes desconhecidas nos atlas lingüísticos, costuma-se fazer investigações a respeito da pronúncia, da ortografia e do uso da lexia pouco empregada, compreendendo questões de natureza etimológica e compreensão dos significados que ela detém.

É, pois, através do léxico que o sujeito comunica os feitos que individualizam sua vida: insegurança, evolução e complexidade, pois, conforme preconizado por Biderman (2001), ele registra o conhecimento do universo, de modo que, ao nomear os seres e objetos, esse sujeito os classifica conforme suas emoções. Por isso, cabe a produções lexicográficas, como o dicionário o sustentáculo às palavras emitidas na comunicação, mantendo-as vivas geração a geração.

### **Pernambuco e Alagoas no grupo de atlas lingüísticos do Nordeste**

É fato que o Nordeste tem avançado na produção e divulgação de atlas lingüísticos, a julgar pela extensão da maior região do país e, principalmente, pelo pioneirismo na construção de trabalhos dessa natureza. Porém, só se confirmam, até o momento, oito atlas de falares nordestinos, incluindo o segundo estudo cartográfico acerca do falar de Sergipe.

De modo mais específico, o primeiro atlas lingüístico brasileiro foi o Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB) (ROSSI et al, 1963). Em seguida, no Nordeste, foram construídos o Atlas Lingüístico da Paraíba (ALPB) (ARAGÃO; MENEZES, 1983), o Atlas Lingüístico de Sergipe (ALS I) (FERREIRA et al., 1987), o Atlas Lingüístico de Sergipe II (ALS II) (CARDOSO, 2002), o Atlas Lingüístico do Estado do Ceará (ALECE) (BESSA et al.,

---

<sup>2</sup> La lexicografía, la fonética, la etimología y la gramática histórica tienen en la dialectología un inagotable filón que explotar.

2010), o Atlas Linguístico de Pernambuco (ALiPE) (SÁ, 2016) e o Atlas Linguístico do Estado de Alagoas (ALEAL) (DOIRON, 2017). Constam, ainda, projetos sobre os falares do Maranhão, Piauí e Rio Grande do Norte, cujos estudos dialetais têm, no momento, contemplado análises de fenômenos específicos. No Rio Grande do Norte, porém, dois atlas de pequeno domínio foram concluídos, enquanto nos demais estados nordestinos, constam informações apenas das equipes formadas e dos critérios metodológicos a serem aplicados na condução da pesquisa.

Aquí, então, propõe-se o estudo de variantes registradas no Atlas Linguístico do Estado de Alagoas (ALEAL) e no Atlas Linguístico de Pernambuco (ALiPE), que se localizam em limites fronteiriços, o que favorece a verificação das similitudes e dessemelhanças.

Para coletar dados em Alagoas, Doiron (2017) seguiu as orientações de Nascentes (1958) para organizar a rede de pontos de inquérito, delimitando 21 localidades visitadas, de cada uma das quais foram selecionados dois informantes distribuídos diagenéricamente na faixa dos 30 a 50 anos, com nível de escolaridade fundamental, completo ou incompleto.

No intuito de confirmar a influência da faixa etária, quatro informantes distribuídos entre 55 a 75 anos, também com o mesmo nível de instrução, foram investigados em sete cidades dentre as mais antigas do Estado<sup>3</sup>. Desse modo, os inquéritos foram realizados com um total de 56 informantes.

Os questionários aplicados são os mesmos do Atlas Linguístico de Brasil (ALiB) (CARDOSO et al, 2014). O ALEAL é composto de dois volumes, resultantes da Tese de Doutorado de Doiron (2017) ainda não publicada: do primeiro volume constam a motivação teórico-metodológica para construção do trabalho de pesquisa; do segundo, são apresentadas as 88 cartas linguísticas distribuídas entre 39 fonéticas, 41 lexicais, 7 morfossintáticas e 1 metalinguística.

Já em Pernambuco, a pesquisa de Sá (2013) foi efetivada em 20 municípios distribuídos entre os quatro cantos do Estado, seguindo, para isso, os pressupostos metodológicos do atlas nacional com quatro informantes com idade entre 18 e 30 anos e entre 50 a 65 anos selecionados em cada ponto, pouca escolaridade e pouca ausência do local de nascimento, para evitar que fossem captados fenômenos linguísticos externos ao ponto de inquérito. A capital, contudo, teve também o mesmo perfil de informantes com curso superior, perfazendo, dessa forma, a quantia de oito informantes. Assim, *in totum*, foram realizados inquéritos com 84 pessoas.

---

<sup>3</sup> A autora menciona a questão financeira como justificativa da não equitatividade de informantes em todos os pontos de inquérito em Doiron (2017, p. 70).

A todos os inquiridos dos municípios foram aplicadas 460 perguntas, sendo 420 já predeterminadas pelo Questionários do ALiB (2001) e 40 compreenderam campos semânticos específicos pertencentes à cultura pernambucana, como *frevo*, *maracatu*, *renascença* e *barro*. A seleção das variantes mais acentuadas após a transcrição dos dados resultou em 50 cartas fonéticas, 47 semântico-lexicais e 8 com abordagem morfossintática, totalizando 105 cartas linguísticas, que sucederam as 6 cartas introdutórias do atlas.

### **Lexicografia e Metalexigrafia: duas ciências, um objeto**

A descrição do vocabulário de uma língua insere as lexias ou palavras com objetos comuns nos estudos quer de natureza lexicográfica quanto lexicológica. Na realidade, Pottier (1974) estabelece distinções acerca das duas unidades, conceituando a primeira como a unidade de comportamento léxico e a segunda como a unidade mínima construída, embora na linguística estrutural, conforme Dubois et al (2007), a noção de palavra seja evitada pela escassez de rigor que ela detém.

Assim, percebe-se que ambas se diferenciam pelo grau de sistematização e completude. A sistematização fica a cargo da lexicografia, conceituada por Câmara Jr. (1977) como o estudo metódico – da enumeração à significação – realizado em dicionários, enquanto cabe à lexicologia a descrição semântica funcional e formal de todas as palavras que o falante processa particularmente.

Nesse sentido, Casares (1992, p. 11) diferencia as duas ciências da seguinte forma:

Da mesma forma que podemos distinguir uma ciência da gramática e uma arte da gramática, podemos distinguir duas facultades, que têm por objeto comum a origem, a forma e o significado das palavras: lexicologia, que estuda esses temas do ponto de vista geral e científico, e a lexicografia, cujo papel, principalmente utilitário, é justamente definido em nosso léxico como ‘a arte de compor dicionários’ (tradução nossa).<sup>4</sup>

Unindo a esses campos, surge a lexicografia teórica ou metalexigrafia, que age multidisciplinarmente e permite a implantação de abordagens provenientes de outras áreas de investigação linguística tais como a semântica e a morfossintaxe, que se moldam unilateralmente da seguinte maneira:

---

<sup>4</sup> De igual manera que distinguimos una ciencia de la gramática y un arte de la gramática, podemos distinguir dos facultades, que tienen por objeto común el origen, la forma y el significado de las palabras: la lexicología, que estudia estas materias desde un punto de vista general y científico, y la lexicografía, cuyo cometido, principalmente utilitario, se define acertadamente en nuestro léxico como el ‘arte de componer diccionarios’.

A teoria lexicográfica tem vários componentes, entre eles: a) estudo da extensão, do conteúdo e da estrutura do conceito de Lexicografia; b) a lexicologia dicionarista, ou seja, aquela que serve como base para criar os trabalhos lexicográficos; c) estudo de gêneros e tipos de dicionários; d) a teoria dos elementos e parâmetros de um dicionário; e) estudo dos fundamentos da criação de obras lexicográficas e a informatização da obra lexicográfica; f) a teoria das fichas e do desenvolvimento de materiais primários; g) planejamento e organização da obra lexicográfica; h) criação e delimitação das regras lexicográficas (MORKOVIKIN, 1992, p. 359)<sup>5</sup>.

De tal modo, a visão dos aspectos baseados na lexicografia e na metalexigrafia encontrada em Borba (2003, p. 15) se configura na técnica de montagem de dicionários, ocupando-se de critérios para seleção de nomenclaturas ou conjunto de entradas, de sistemas definidores, estrutura de verbetes, critérios para remissões e registro de variantes. Além disso, em termos mais teóricos, é possível descrever o léxico de uma língua total a partir de uma perspectiva metalinguística que se encarrega de manusear e exibir as informações mais relevantes.

Partindo da necessidade de fundir a Lexicografia com a Geolinguística, a fim de permitir a análise de determinados itens lexicais face ao espaço em cujos limites se situam na fala, convém verificar a amplitude dos estudos do léxico não somente por intermédio das estruturas mórficas que toda lexia possui, mas por processos mais abrangentes como *neologismo* e *empréstimo*. Segundo encontrado em Borba (2003, p. 119), a construção neológica incide na atribuição de um novo conceito às palavras em circulação e o aparecimento natural de nova definição originada da intervenção social da língua. Além disso, permite a inclusão de novos itens ao léxico geral, realizado pela simples aplicação da regra morfológica ou dos empréstimos de línguas em contato.

Junto a esses processos, é preciso inserir a perspectiva semântica, uma vez que as lexias de uma língua circulam pela *requalificação* que resulta na multiplicação dos itens lexicais e pela *polissemia*, que, dessa vez, resulta nas significações, favorecendo a percepção da equivalência de significado e da semelhança fônica entre lexias, presentes na sinonímia e na paronímia, respectivamente.

Segundo encontrado em Biderman (2001, p. 13), “o léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo”. Nessa perspectiva, o escopo da lexicografia

---

5 La teoría lexicográfica tiene varios componentes comprendidos entre ellos: a) el estudio de la extensión, el contenido y la estructura del concepto de lexicografía; b) la lexicología dicionarista, es decir, aquella que sirve de base para crear las obras lexicográficas; c) el estudio de los géneros y tipos de diccionarios; d) la teoría de los elementos y parámetros de un diccionario; e) el estudio de los fundamentos de la conformación de obras lexicográficas y de la computarización del trabajo lexicográfico; f) la teoría del fichado y conformación de materiales primarios; g) la planificación y la organización del trabajo lexicográfico; h) la conformación y delimitación de las reglas lexicográficas.

se une teoricamente à metalexicografia. Assim, definir-se-ão os caminhos metodológicos que encabeçarão a análise aqui proposta.

### **Procedimentos metodológicos para a coleta de dados**

A proposta de análise metalexicográfica deste artigo advém das denominações para a “brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha e vão pulando com uma perna só”, mantida no grupo de questões pertencentes ao campo semântico *jogos e brincadeiras infantis* do ALiB com a resposta motivadora *amarelinha*. Para tanto, servirão de *corpus* as denominações registradas nos atlas linguísticos dos estados de Alagoas e de Pernambuco, dos quais também podem ser encontradas variedades comuns a outras regiões, o que torna mais propícia a análise e a condição de delimitar marcas dialetais características dos dois estados evidenciados.

Uma vez que Biderman (2001, p. 135) conceitua “qualquer fato linguístico (palavra, expressão, ou seu sentido) próprio de uma ou de outra variedade regional do português do Brasil” como ‘regionalismo’, torna-se conveniente analisar o léxico encontrado nos atlas linguísticos, já que, nos dois documentos de variação dialetal, tem-se um recorte de marcas regionais registradas na fala espontânea de moradores dos dois Estados. Além disso, é possível dialogar com a produção lexicográfica, sem se eximir de delimitar os espaços de maior abrangência, a atualização ou conversação de grafias provenientes de acordos ortográficos que visam à normalização e à simplificação da escrita, bem como a distribuição de sinônimos. Para tanto, a partir dos dicionários de Bluteau (1728), Pinto (1832), Figueiredo (1913), Houaiss (2009), Ferreira (2010) e Michaelis (2015), tentar-se conferir quais as denominações de *amarelinha* encontradas desde o século XVIII são conservadas contemporaneamente como regionalismos.

A escolha das obras lexicográficas parte da grande quantia de verbetes, o que favorece não só a determinação das marcas regionais, mas a averiguação de grafias, a confirmação da distribuição de sinônimos e a reflexão sobre as origens das variantes, segundo os registros catalogados nos atlas linguísticos, pois:

[...]na lexicografia regional, o atlas tende a ser, por sua extensão e conteúdo, o repertório lexical mais amplo de que dispõe o dialetólogo e, portanto, fonte primária do vocabulário diferencial, que servirá como uma grande ajuda na criação de orações e suas variantes, as etimologias, significados e as marcas mais amplas (ZUMBADO; DIAS, 2002, p. 1219).

Portanto, para a análise dos dados, foi realizado um levantamento das denominações de ‘amarelinha’ encontradas nos Atlas Linguísticos de Alagoas e de Pernambuco. Em seguida, organizaram-se as variantes com base nos dicionários selecionados, na iminência de verificar como as visões enciclopédicas e regionalistas são sinalizadas com relação a cada uma dessas variantes, confirmando-se, assim, as convergências e divergências de significado.

### Análise diatópica e metalexigráfica

O *corpus* selecionado com todas as respostas registradas nos dois atlas linguísticos consultados quanto às denominações para *amarelinha* pode ser contemplado no quadro 1. Para isso, além da separação das variantes registradas no ALEAL e o ALiPE, são marcadas as variantes segundo os registros lexicográficos, identificados com a confirmação do conceito esperado(x), a identificação de outras acepções (OA), quando a variante está dicionarizada, porém sem capturar o significado compreendido pelo falante, ou sem dicionarização (SD).

**Quadro 1:** Distribuição de variantes nos atlas de Alagoas de Pernambuco e a dicionarização

ITENS LEXICAIS	ALEAL	ALIPE	Bluteau (1728)	Pinto (1832)	Figueiredo (1913)	Houaiss (2009)	Ferreira (2010)	Michaelis (2015)
Academia	x	x	OA	OA	OA	x	x	x
Amarelinha	x	x	SD	SD	SD	x	x	x
Avião	x	x	SD	SD	OA	OA	OA	OA
Bandeirinha		x	OA	SD	OA	OA	OA	OA
Casinha	x		OA	OA	OA	OA	OA	OA
Céu	x		OA	OA	OA	OA	OA	OA
Macacão	x	x	SD	SD	OA	OA	OA	OA
Pula-pula	x	x	SD	SD	SD	OA	OA	OA
Quadrinho		x	SD	SD	SD	OA	OA	OA
Sete		x	OA	OA	OA	OA	OA	OA
Xadrez	x		OA	OA	OA	OA	OA	OA

Fonte: organização do autor

No ALEAL, estão registrados os itens lexicais *academia*, *amarelinha*, *avião*, *casinha*, *céu*, *macacão*, *pula-pula*, *quadrinho amarelo* e *xadrez*, enquanto no ALiPE se encontram catalogados os itens *academia*, *amarelinha*, *avião*, *bandeirinha*, *cerros*, *macacão*, *maracacão*, *pula-pula*, *quadrinho* e *sete*.

Segundo se verifica no quadro 1, a despeito de construções neológicas e fraseológicas não elencadas, as denominações *academia*, *amarelinha*, *avião*, *macacão* e *pula-pula* são convergentes nos atlas de Alagoas e de Pernambuco. Os demais itens lexicais se registraram em separado.

Em Alagoas, *amarelinha*, *avião* e *macacão* foram as variantes que mais se distribuíram no Estado, enquanto demais foram pouco mencionadas ou apenas com registro único. Desse grupo fizeram parte: *pula-pula* (ponto 4 - Piranhas); *quadrinho amarelo* (ponto 10 - Arapiraca); *casinha* (ponto 13 - Limoeiro de Anadia) e as variantes *céu*, *xadrez*, *(a)cademia* (ponto 20 - Ponto Calvo).

Em Pernambuco, as variantes *academia*, *amarelinha*, *avião* e *macaco* foram mencionadas em mais pontos de inquérito, ao contrário de ocorrências únicas ou pouco contabilizadas como: *pula-pula*, que foi mencionada no ponto 1 – Afrânio, no ponto 9 – Custódia e no ponto 4 – Ouricuri; *bandeirinha* (ponto 1 – Afrânio); *cerros* (ponto 9 – Custódia); *brincadeira do sete* (ponto 6 – Floresta); *maracacão* (ponto 6 – Floresta) e *quadrinho* (ponto 4 – Ouricuri).

Após a consulta aos dicionários, percebeu-se que grande parte das respostas dos informantes não se constituem variantes<sup>6</sup> que remetam à acepção de ‘amarelinha’ em nenhuma das obras consultadas, sobretudo nas obras mais remotas. Entretanto, há referências históricas de que a brincadeira não é tão contemporânea assim:

Uma das versões para a sua origem diz que tudo teria começado na Bretanha, durante o Império Romano. Percursos similares às amarelinhas teriam sido usados para exercícios de treinamento militar. Os desenhos originais teriam sido mais de 30 metros de comprimento! Os soldados romanos percorriam o trajeto da amarelinha com armadura completa, e o propósito era melhorar sua resistência para as longas caminhadas exigidas pelas suas atividades. Crianças romanas, imitando os soldados, desenharam seus próprios jogos e criaram um sistema de pontuação (GONZALES; SCHWENGBER, 2012, p. 105).

Os autores ainda citam uma segunda versão do surgimento da *amarelinha*, segundo a qual ela seria oriunda na Europa renascentista, inspirada no livro de Dante Alighieri “A divina comédia”. O livro trata do personagem central da história, ao sair do purgatório busca o paraíso e atravessava nove mundos. Para que isso ocorresse, necessitaria saltar com um pé de mundo em mundo, empuxando uma pedra que simulasse sua alma. Desse modo, partia da Terra até o Céu (Urano), contrabalançando-se para não cair no Inferno (Plutão). A alma (pedra), por sua vez, não poderia se limitar à linha, pois, na narrativa da terra ao céu, não existem ou descansos, fronteiras ou separações.

Já em Santos (2009, p. 8), há uma terceira versão de que a *amarelinha* teria surgido no Antigo Egito, aludindo, inclusive, a uma passagem do Livro dos Mortos, pertencente a essa

---

<sup>6</sup> Cabe ressaltar que, nos dicionários mais contemporâneos, a variante *macacão* se encontra com outro sentido, mas é registrado item ‘macaco’ como denominação para a brincadeira em estudo.

mesma civilização, que insinua a existência de um ritual por intermédio do qual os mortos seguiam para a eternidade em uma atividade semelhante à brincadeira:

Este capítulo será recitado sobre um desenho representando as Hierarquias divinas e executado em cor amarela, em um “barco de Ra”. Ser-lhe-ão feitas oferendas [...]. Além disso, fazei uma estatueta que represente o morto; colocai-a diante dos desenhos e fazei-a avançar sucessivamente em direção a cada uma das Portas. [...] Depois, de ter feito os desenhos na quarta hora, passei em círculo (ao redor deles), durante todo dia, tendo o maior cuidado em calcular e tempo segundo o Céu, na terra e no Mundo Inferior [...] (LIVRO DOS MORTOS, 1996, p. 171, *apud* SANTOS, 2009. p. 8).

Diante do que fora mencionado, percebe-se a indefinição da origem da *amarelinha*, não obstante itens dessas referências sejam assinalados nas próprias características do jogo, como ‘céu’, ‘inferno’, terra e ‘pular de um pé só’. Embora os dicionários atuais considerem a origem controversa, Aulette (2006) atribui a origem francesa advinda de ‘marelle’, coadunada por Cascudo (2012) ao explicar, inclusive, o porquê de a brincadeira ser chamada também de ‘maré’, fato registrado por D’Anunciação (2016) em seu trabalho sobre o falar mineiro e por Santos (2016) sobre o falar fluminense, enquanto Ribeiro (2012) menciona a mesma variante em Goiás e Minas Gerais. De fato, Barbeiro e Isquerdo (2007, p. 114) consideram a denominação *amarelinha* como “uma forma inovadora do português do século XVIII, advindo do francês na variante europeia, trazida ao Brasil pela Família Real”.

Cascudo (2012), inclusive, menciona algumas denominações distribuídas pelos estados brasileiros e acrescenta variantes em outros idiomas:

A academia ou cademia é conhecida como *amarelinha* ou *marelinha* no Rio de Janeiro, *maré* em Minas Gerais, e recentemente *avião*, no Rio Grande do Norte. Na Bahia dizem pular macaco. Em Portugal: jogo da macaca ou pular macaca, jogar macaca (Norte). Pela Extremadura é jogo do homem. Na Espanha: *cuadrillo*. No Chile é *rayuela*, assim como no Peru. Na Colômbia é *coroza* ou *golosa*. Na Espanha denominam-na também *infernáculo*, *reina mora*, *pata coja*. No Chile a conhecem também, e mais popularmente, por *luche*.

Mesmo sem citar *avião* como denominação proferida por pernambucanos e alagoanos, essa e outras denominações não convergentes com o conceito de *amarelinha* podem ser conferidas no quadro 2:

**Quadro 2:** Definições para ‘amarelinha’ com acepção diferente nos dicionários

ITENS LEXICAIS	CONCEITOS	DICIONÁRIOS
Academia	escola filosófica	Bluteau (1728); Pinto (1832); Figueiredo (1913)
Avião	aeronave a motor	Figueiredo (1913)
	aeronave a motor; mulher atraente	Houaiss (2009); Ferreira (2010); Michaelis (2015)
Bandeirinha	pequena bandeira	Bluteau (1728); Figueiredo (1913); Houaiss (2009); Ferreira (2010); Michaelis (2015)
	fiscal de partida esportiva	Houaiss (2009); Ferreira (2010); Michaelis (2015)
Casinha	cárcere da inquisição; pequena casa	Bluteau (1728); Pinto (1832); Figueiredo (1913); Houaiss (2009); Ferreira (2010); Michaelis (2015)
Céu	espaço onde se localizam e se movem os astros; firmamento	Bluteau (1728); Pinto (1832); Figueiredo (1913); Houaiss (2009); Ferreira (2010); Michaelis (2015)
Macacão	macaco grande;	Figueiredo (1913)
	macaco grande; roupa de trabalho	Houaiss (2009); Ferreira (2010); Michaelis (2015)
Pula-pula	brinquedo para crianças, constituído de uma haste com apoios para as mãos na extremidade superior.	Houaiss (2009); Ferreira (2010); Michaelis (2015)
Quadrinho	pequeno quadro; história em quadrinhos	Houaiss (2009); Ferreira (2010); Michaelis (2015)
Sete	representação numérica	Bluteau (1728); Pinto (1832); Figueiredo (1913); Houaiss (2009); Ferreira (2010); Michaelis (2015)
Xadrez	jogo de tabuleiro	Bluteau (1728); Pinto (1832);
	jogo de tabuleiro	Figueiredo (1913); Houaiss (2009);
	cela, prisão	Ferreira (2010); Michaelis (2015)

Fonte: organização do autor

A referência *avião* também advém do francês *avion* (HOUAISS, *op cit*) e se trata de um termo usado em Minas Gerais, Rio de Janeiro e Rio Grande do Norte (CASCUDO, 2012, p. 6) e também encontrado em Navarro (2004, p. 27). Também é encontrado em Moçambique, porém

se trata de um termo oriundo do Português Europeu, presente na expressão ‘jogar ao avião’, considerando o tabuleiro desenhado no chão (LINDEGAARD, s.d.).

Itens como *maracação* e *cerros*, não dicionarizados e não mencionados no quadro 1, sugerem alterações fonéticas. No primeiro caso, a denominação apresenta uma sílaba epentética inserida em ‘macação’ e, no segundo caso, a variante parece ser análoga a ‘céu(s)’.

A variante ‘pula-pula’ traz em Aulette (2016) o conceito de ‘qualquer brinquedo próprio para pular, como cama elástica ou inflável’, o que, semanticamente, sugere a mesma ação característica da *amarelinha*.

Os demais itens parecer ser variantes de sentido virtual, o que não descarta a representatividade da brincadeira em culturas distintas e a realidade brasileira não se exime dessa situação, a julgar pelas denominações aqui analisadas.

Verifica-se, então, ao final da análise das denominações para *amarelinha* muitas divergências entre os dados dos atlas linguísticos de Alagoas e de Pernambuco e os dicionários selecionados a partir do século XVIII, à exceção da convergência de *amarelinha* e *academia*.

Nesse sentido, pensando em alterações semânticas, pensa-se logo em diacronia, uma vez que as mudanças de sentido parecem se processar no eixo do tempo, como defende Borba (2003, p. 157), o que justifica a escolha de dicionários entre os séculos XVIII e XXI. Desse modo, é possível constatar, sobretudo, no quadro 2, que o falante ignora o sentido literal da palavra e a utiliza com uma conotação diferente, seja por interferência metafórica, metonímica ou por desconhecimento do objeto de investigação.

Por isso, na visão de Cascudo (2012), encontram-se nos dicionários, mesmo de modo limitado, muitas denominações alusivas aos brasileirismos e regionalismos, já que o Brasil, tido como país-continente, agrega traços regionais e socioculturais manifestados na pronúncia e, principalmente, no léxico. Isso ratifica a necessidade de atualização dos dicionários concernente às variantes não registradas e, principalmente, na delimitação dos espaços onde as marcas linguísticas são comprovadas.

### **Considerações finais**

O trabalho aqui proposto se justifica pela necessidade de se refletir sobre falares regionais que estão registrados em atlas linguísticos, associando-os à lexicografia e à metalexicografia. Para isso, usufruiu-se dos dados dos atlas linguísticos de Alagoas e de Pernambuco, dos quais foram retiradas as cartas léxicas com as denominações para *amarelinha*.

Com o exame das denominações referentes à brincadeira nos dicionários Bluteau (1728), Pinto (1832), Figueiredo (1913), Houaiss (2009), Ferreira (2010) e Michaelis (2015), almejou-se a averiguação dos conceitos dos verbetes registrados nos atlas linguísticos a fim de constatar semelhanças e divergências.

Percebeu-se que uma grande parte das denominações catalogadas se encontra dicionarizada em, pelo menos, uma das obras, ao mesmo tempo em que possuem definições divergentes do conceito esperado para nomear a brincadeira. Assim, urge que as obras lexicográficas sejam atualizadas quanto às caracterizações diatópicas, já que as notas enciclopédicas dispostas nessas obras sinalizam mais assiduamente a extensão de sentido ou até mesmo a coloquialidade.

Admite-se, no entanto, que a língua tem evoluído através dos tempos e isso reflete na construção e na eliminação das palavras do repertório linguístico do falante, ratificando a sua heterogeneidade. Os dialetólogos e os lexicógrafos precisam se unir para que a língua seja documentada adequadamente tanto em atlas linguísticos e dicionários.

## REFERÊNCIAS

- ALVAR, M. *Atlas lingüísticos y diccionarios*. LEA, IV. Madrid, págs. 253-323. 1982.
- AULETE, F. J. C.; VALENTE, A. L. dos S. *Aulete Digital: Dicionário Contemporâneo de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2006.
- BARBEIRO, E. P.; ISQUERDO, A. N. O Atlas Linguístico do Brasil e a descrição da norma lexical regional: contribuições no campo das brincadeiras infantis. In: *Anais do Encontro Anual de Iniciação Científica*, 16 Londrina, 2007
- BESSA, J.R.F. et al. *Atlas linguístico do Ceará*. Fortaleza: UFC, 2010.
- BIDERMAN, M.T.C. *Teoria Lingüística*. São Paulo: Martins Fontes.2001.
- BLUTEAU, R. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728. 8 v.
- BORBA, F.S. *Organização de dicionários: uma introdução à Lexicografia*. São Paulo: UNESP, 2003.
- CARRASCO, A.I.N. *Geografía lingüística y diccionarios*. E.L.U.A., 9. 1993 p. 73-96
- CASCUDO, L.C. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Editora Global, 2012.
- CARDOSO, S.A M. *Atlas lingüístico do Brasil - ALiB - Projeto*. Salvador: UFBA, 1998.

CARDOSO, S.A M. et al. *Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)*. Vol. 1 e 2. Londrina: EDUEL, 2014.

CARDOSO, S.A M. *Atlas lingüístico de Sergipe II*. Tese (doutorado) - UFRJ.Rio de Janeiro: 2002.

CASARES, J. *Introduccion a la lexicografia moderna*. 3 ed. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1992.

D'ANUNCIÇÃO, E. S. *Registrando o léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis em Minas Gerais*. Monografia de Graduação em Letras – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

DOIRON, M.P.B. *Atlas Linguístico do Estado de Alagoas - ALEAL*. Tese de doutorado. Londrina: UEL, 2017.

FAJARDO, A. *Las marcas lexicográficas: concepto y aplicación práctica em la lexicografia espanõla*. Revista de Lexicografia. v.3, p. 31-57, 1996-1997.

FERREIRA, A.B.H. *Dicionário Aurélio*. 5.<sup>a</sup> ed., Curitiba: Melhoramentos, 2010

FERREIRA, C. S. et al. *Atlas lingüístico de Sergipe*. Salvador: UFBA; Aracaju: Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

FIGUEIREDO, C. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Lisboa [Portugal] : Livraria Clássica, 1913.

HOUAISS, A. et al. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ISQUERDO, A. N. A propósito de dicionários de regionalismos do português do Brasil. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. v. 3. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. p. 193-208.

LINDEGAARD, V. S. *Moçambicanismos: um glossário com algumas imagens*. [s. d.]. Disponível em: <<http://mocambicanismos.blogspot.com.br/2009/02/c.html>>. Acesso em: 15 set. 2020.

MICHAELIS. *Dicionário Escolar Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 2015.

MORKOVKIN, V. V. Fundamentos teóricos de la lexicografía docente contemporánea. *Actas el IV Congreso Internacional*. EURALEX 90, 1992, 359 - 368.

NAVARRO, F. *Dicionário do Nordeste: 5000 palavras e expressões*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

- PINTO, L.M.S. *Dicionário da Língua Brasileira*. Ouro Preto: Tipografia de Silva, 1832.
- RIBEIRO, S. S. C. *Brinquedos e brincadeiras infantis na área do Falar Baiano*. 2012. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012
- ROSSI, N.; FERREIRA, C.; ISENSEE, D. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: INL, 1963.
- SÁ, E.J. *Atlas linguístico de Pernambuco (ALiPE)*. São Paulo: Ixtlan, 2016.
- SANTOS, G. F. L. Origem dos Jogos Populares: em Busca do “Elo Perdido”. In: Anais do 4º CONPEF - Congresso Norte Paranaense de Educação Física Escolar, 2009, Londrina. 4º CONPEF - Congresso Norte Paranaense de Educação Física Escolar. Londrina: UEL, 2009.
- SANTOS, L. A. *Brincando pelos caminhos do Falar Fluminense*. Dissertação Mestrado em Língua e Cultura – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.
- SORIANO, J. G. *Vocabulario del dialecto murciano*. Murcia: Editora Regional, 1980, edición facsímil de la primera, Madrid, 1932.
- THUN, H. *Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay – Norte (ADDU-Norte)*. Kiel: Westensee-Verl., 2000. 166 p.
- ZUMBADO, C.J.C.; DÍAZ, Dolores C. “El ALEICan en los diccionarios”, AFA, LIX-LX, 2002-2004, In: CASTAÑER, R.M.; ENGUITA, J.M. (eds.) *Archivo de filología aragonesa*. In memoriam Manuel Alvar. pp. 1203-1222.